

# CANUDOS, ESSA HISTÓRIA NÃO PODE MORRER!

Luiz Paulo Neiva<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de um relato sobre o processo de criação e instalação de uma série de equipamentos de memória sobre o massacre dos conselheiristas, entre 1896 e 1897, no evento histórico chamado Guerra de Canudos, bem como, uma forma de convite aberto à população brasileira e mundial para conhecer esses equipamentos e seus acervos: uma condição para se conhecer o Brasil e seu devir revolucionário, através das pegadas do Belo Monte.

**Palavras-chave:** Canudos. Museus. Belo Monte. Devir comunal.

**Abstract:** This is an account of the process of creation and installation of a series of memory equipment about the massacre of council members, between 1896 and 1897, in the historical event called Guerra de Canudos, as well as a form of open invitation to the Brazilian population and worldwide to get to know this equipment and its collections: a condition to get to know Brazil and its revolutionary future, through the footprints of Belo Monte.

**Keywords:** Canudos. Museums. Belo Monte. Communal becoming.

## I. Primeiras paisagens

7 de junho de 1993. Um pesquisador em desenvolvimento regional chega em Canudos pela primeira vez, cidade encravada no sertão baiano, onde ocorreu o maior massacre (1896-1897) perpetrado pelo Exército brasileiro ao seu povo, liderado por Antônio Conselheiro. De 7 a 13 daquele mês celebrava-se o centenário de fundação de Belo Monte, assim rebatizado o povoado pelo beato cearense de Quixeramobim.

A cidade guardava marcas do massacre e continuava massacrada por índices elevados de pobreza e desigualdade.

Durante a viagem, o pesquisador já percebia a montante, pela janela do ônibus, as marcas cruéis de uma região deprimida economicamente, em

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação e Contemporaneidade. Diretor do Campus Avançado de Canudos, Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

contraste à exuberância da sua cultura, do seu povo e do açude Cocorobó, mais tarde objeto de seus estudos. Nele, identifica-se as enormes potencialidades de constituir-se uma das maiores bacias do nordeste, com capacidade de acumulação em torno de 293 milhões de m<sup>3</sup> de água (NEIVA, 2000).

Esse primeiro impacto e outras contradições que se avultavam nas discussões e palestras perduraram até o dia 13, e marcaram por definitivo, no pesquisador, as suas permanências e rasuras naquele lugar simbólico, real e imaginário. Os 400 quilômetros de Salvador a Canudos nunca se lhe apagaram da consciência e o levariam, sem nunca ter pensado, a mergulhar numa tarefa de preservar a Memória daquele lugar e do seu acontecimento épico, a guerra de Canudos.

Canudos se constitui, indeclinavelmente, num dos maiores acontecimentos históricos do país, ocorrido no âmago do sertão baiano no final do séc. XIX. Não é aqui objeto de dissertá-lo, mas o de problematizar as tentativas de preservar a sua memória e sua história, cotejando iniciativas e descasos, e identificar possibilidades de novos desafios para a preservação.

A importância de Canudos é exaltada pelas incontáveis teses, dissertações, livros, abordagens na música, na fotografia, nos filmes. Essa importância é refletida por Neiva (2017), em sua obra “Canudos, uma nova batalha”:

A formação, o desenvolvimento e a destruição da comunidade de Canudos ficaram marcados na História do Brasil. Belo Monte permanece até hoje como motivo de imensos debates históricos e políticos, assim como foi na última década do século XIX. É muito difícil encontrar um momento da nossa história com um repertório de debates no patamar daqueles dedicados à comunidade fundada por Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro (NEIVA, 2017, p. 11).

O genocídio perpetrado a Canudos resultou em milhares de sertanejos mortos e a destruição de um sonho por uma vida solidária e fraterna. Parte dessa história é narrada com maestria pelo escritor Euclides da Cunha em sua obra clássica *Os Sertões*, que evoca a destruição do povoado e o registro epopeico sobre seus últimos defensores, contabilizados em quatro apenas: “um

velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados” (CUNHA, 1905, p. 608). As dores e os horrores continuaram a ser narradas por vários outros autores, destaque aqui para o Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia: 1897-1901 (PIEDADE, 2002).

## II. Edificando arquivos de memória

Desde 1985, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) tomou para si a imprescindível decisão de preservar a memória de Canudos, criando o Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC), que, com determinação e perseverança, desenvolveu um forte programa de estudos e pesquisas. O Centro iniciou a implantação do Parque Estadual de Canudos, que abarca uma zona referencial de combate da guerra, e aí realizou uma varredura arqueológica, fundamental para mais tarde dar continuidade a novas etapas; elaborou a estratégica Cartilha Histórica de Canudos (Feraz, Neto e Pinheiro, 1991); importantes semanas culturais e seminários e capacitação de professores da escola pública, entre outras ações programáticas que ampliariam os compromissos declarados. Procedendo um trabalho meticuloso e tenaz, obteve cerca de 40 mil documentos sobre a Guerra, a partir dos arquivos da Cúria Metropolitana, do Exército e do Senado Federal.

Em 1995, o pesquisador, já à frente do CEEC, e com a sua laboriosa equipe, percebendo a necessidade de bem celebrar o centenário do final do massacre, que ocorreria em 1997, enseja uma série de contribuições de pesquisa, eventos e produções diversas, tais como a implantação definitiva do Parque Estadual de Canudos, contemplando sítios histórico-arqueológicos demarcados, e uma infraestrutura física básica para receber e orientar milhares de visitantes, estudiosos e pesquisadores.

A retomada das pesquisas arqueológicas se tornou imperiosa, era preciso desvendar pontos ainda obscuros sobre o conflito ali travado; “as escavações afloravam objetos que, quando bem perguntados falavam” (CEEC, 1999); assim também falavam os 40 mil documentos masterizados e disponibilizados em formato de CD (em número de 20), oportunizados em linguagem de

computador. Foi ingente, também, ensinar a difusão dos conhecimentos, através de um projeto editorial que incentivou publicações de livros e a criação da Revista Canudos. Esta, em suas várias edições, permitiu, e até hoje permite, a circulação das ideias vinculadas a Canudos, sertão e convivência com o semiárido.

### **III. Novas institucionalidades e os arquivos de memória**

No início de 2003, a UNEB criou o Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT), Campus XXII, responsabilizando-o pela gestão do Parque e do Memorial Antônio Conselheiro. Em esforço conjunto com o CEEC, contribuem para densificar melhor as ações, em virtude da proximidade daquele Departamento com o sítio histórico. Todavia, a partir de março de 2016, é criado o Campus Avançado de Canudos, uma institucionalidade mais eficiente, com unidade gestora e um modelo de gestão que enfatiza as cooperações locais, aliadas a um orçamento mais generoso e captação de emendas parlamentares. Essa configuração ensejou:

a) Ampliar as ações voltadas para o desenvolvimento local sustentável, visando o combate à pobreza e desigualdade, fincadas na participação popular, tendo como instância representativa um Fórum constituído por 62 entidades da sociedade civil e da arena pública. A ideia fio-condutora apontava que se fazia indispensável, em fidelidade ao legado do Conselheiro, melhorar as condições de vida e distribuir a riqueza material e os bens da cultura entre os mais pobres e despossuídos. Nesse sentido, as reuniões do Fórum se tornam espaço de negociação política e de reflexão sobre a memória de Canudos.

b) Enfrentar desafios que levariam a fortalecer a infraestrutura física, receptivo ordenado aos estudiosos e visitantes aos sítios históricos-arqueológicos do Parque e ao Memorial Antônio Conselheiro, com o seu Museu Arqueológico e uma Sala de Teatro, vocalizando as manifestações artísticas e culturais do lugar; a instalação de mais um curso de graduação em EAD (notadamente o de História, que ajuda os estudantes a criar vínculos mais duradouros com a história de Canudos e estabelecer fortes laços de pertencimento); implantação do Museu João de Régis, importante equipamento que abriga as exposições

dos fotógrafos Flavio de Barros (contratado pelo Exército para documentar a Guerra), Antônio Olavo (reconhecido fotógrafo e documentarista), Evandro Teixeira (um dos maiores fotógrafos da América Latina). Integram ainda o acervo as gravuras icônicas do laureado artista plástico Tripoli Gaudenzi, as gravuras contemporâneas do artista plástico Silvio Jessé, as esculturas magistrais do artista Edmilson Santana, curador do Museu, e o painel em azulejos do consagrado artista Bel Borba.

Acresce-se a tudo isso a implantação de uma turma multicampi de doutorado em Crítica Cultural, oferecida pelo DLLARTES/UNEB, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica), coordenado pelo Prof. Dr. Osmar Moreira Santos. As pesquisas dos doutorandos tematizam Canudos, Sertão e a Crítica Cultural, na perspectiva de uma nova epistemologia que gere um conhecimento que problematize e enfrente a ordem subalternizante e sua barbárie.

#### **IV. O que mais tem sido feito para preservar Canudos?**

Com as inevitáveis omissões involuntárias, o repertório de iniciativas para preservar Canudos é diverso.

Não obstante a contribuição da obra seminal *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, ter dado uma enorme visibilidade ao assunto, com inúmeras edições no Brasil e no exterior, é necessário, segundo Calasans (2015), tirar Canudos da “gaiola de ouro” de *Os Sertões*. Assim, é necessário ir além e tirar do limbo tantas outras importantes contribuições, a exemplo de: o papel heroico do Comitê Patriótico da Bahia, presidido por Lélis Piedade (1897-1901), que, em seu encerramento, em dezembro de 1901, divulga um texto de 184 páginas, intitulado *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia* (PIEDADE, 2002), em uma segunda edição, com apresentação, notas e projeto gráfico por Antônio Olavo, junto à Portfolium Editora; as profundas revelações do estudante de medicina da Bahia, Alvim Martins Horcades, em seu livro *Descrição de uma viagem a Canudos* (HORCADES, 1899); a *Guerra do Fim do Mundo*, de autoria de Vargas Llosa (1985); os estudos do professor

José Calasans, que iniciou as suas pesquisas entrevistando remanescentes da guerra, a partir da década de 1950, recolheu depoimentos de sobreviventes e descendentes da heroica Belo Monte e, convicto de que “Os vencidos também merecem um lugar na história” (CALASANS, 1986, p. 4), foi além e produziu uma obra voltada à compreensão epistêmica da charqueada de Canudos, tendo como expressão icônica a Cartografia de Canudos (CALASANS, 2015). Para além da obra, formou com humildade e desprendimento uma plêiade de seguidores e admiradores, criou o Núcleo Sertão na Universidade Federal da Bahia, firmando-se como grande incentivador das pesquisas CEEC e sendo distinguido pela UFBA com o título de Doutor Honoris Causa.

Imperativo destacar o padre Enoque Oliveira com a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos, iniciada em 1983, que promove uma verdadeira insurgência voltada para a preservação da memória e fidelidade aos legados de Antônio Conselheiro, denuncia a pobreza e a desigualdade no sertão baiano.

Registre-se o trabalho obstinado do cineasta Antônio Olavo, com destaque para o premiado filme *Paixão e Guerra nos Sertões de Canudos*; o genial fotógrafo Evandro Teixeira com seu livro de fotografias *Canudos 100 Anos* (TEIXEIRA, 1997) – a sua mais recente contribuição foi doar parte substantiva do seu trabalho ao Museu João de Régis.

É ingente referenciar o trabalho do fotógrafo e documentarista Claude Santos, que produziu um acervo de memória de Canudos, sendo o seu último e grandioso trabalho – antes do seu falecimento – o Projeto de Intervenções Artísticas do Parque Estadual de Canudos, que encanta aos visitantes pelo fundamento histórico e pela estética da sua verve artística.

Integram-se ainda ao memorável repertório de relevantes contribuições a intensa produção literária de Oleone Coelho Fontes, as pesquisas de Dionísio Nóbrega, de João Batista de Oliveira, Manoel Neto, José Carlos Pinheiro, Roberto Dantas, Sérgio Guerra e tantos outros (e por serem tantos, possibilitam involuntária omissão). E o Museu Manoel Travessa, de propriedade do ativista cultural do mesmo nome, que com os seus próprios recursos adquiriu peças e artefatos da guerra, tornando-se passagem obrigatória a todos que visitam a cidade.

Inescapável não registrar a participação do Instituto Memorial Popular de Canudos – IPMC, lado a lado com a Igreja Católica de Canudos, sobretudo dos padres e das irmãs Filhas do Sagrado Coração de Jesus, que se dedicaram também à população mais pobre com o trabalho eclesial de base, ente outras iniciativas, tendo sempre como princípios os ensinamentos do beato Conselheiro.

## V. O porvir: repensando os arquivos de memória

O professor José Calasans chega a Canudos na década de 1940, para ouvir as vozes dos herdeiros da Guerra. Criou e dirigiu o Núcleo Sertão no âmbito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), constituindo-se na referência maior do conflito.

As suas publicações contribuíram enormemente para os estudiosos e pesquisadores. Não obstante toda sua contribuição intelectual aos estudos da charqueada canudense, ao relatar as inúmeras entrevistas com descendentes da guerra, em gesto e atitude singular, dizia ter perdido informações valiosas pela simples razão de “não saber perguntar aos seus entrevistados”. Ainda que fosse assim, uma plêiade de seguidores sempre ficou a reconhecer o valor inestimável das entrevistas realizadas pelo estudioso.

Seguindo os passos do mestre Calasans, mais tarde, o personagem pesquisador, autor deste artigo, também tem refletido sobre não ter sabido perguntar sistematicamente aos Arquivos de Memória que o desafiaram a ser implantados, desde aquela viagem primeira a Canudos de 1993. Pensando assim, não basta aos milhares de visitantes que acorrem aos arquivos reverenciar as belezas, o ineditismo das expressões museais e a manifestação incontestada de ira aos destruidores de sonhos.

O que se pode perguntar e problematizar a esses arquivos? Para que servem? Como torná-los instrumentos de preservação da Memória, sobretudo a dos despossuídos da riqueza material e subalternizados das hordas capitalistas? É possível falar uma linguagem acessível e disponível em formatos contemporâneos e digitais? Outras tantas questões precisam ser reco-

lhidas e colocadas na ordem do dia, identificar lacunas e demolir a natureza dos seus arcontes.

As percepções de Jaques Derrida (2001) ajudam a problematizar quão imperiosa a necessidade de compreender a natureza dos Arcontes, a saber, é preciso, do ponto de vista dos detentores de poder de Estado, do capital e seus asseclas, demolir o direito do outro, e excluído, seu poder ativo sobre sua memória e orientação no mundo e com o mundo, mas, em contraponto, e numa relação de força ativa, permanente, e do ponto de vista do excluído, empobrecido, subalternizado, e seus mediadores intelectuais, esvaziar, anular esses dispositivos de Estado e do capital, e fazer das feridas abertas, dos corpos, o lugar da política e da desconstrução.

O problema instigante insere-se da seguinte maneira na mente do pesquisador: quais as formas de poder reacionárias que tendem a naturalizar a demolição de memórias de povos despejados (SANTOS, 2016; 2020), em contraponto, a exemplo desse trabalho da memória a partir da guerra de Canudos, quais as formas de insistência da cultura política, molecular, silenciosa, ardi-losa, que dramatizam, permanentemente, essa situação até a sua superação?

Na busca de um grande objetivo, encontra-se a possibilidade de resistir à demolição da memória da guerra de Canudos, e seu genocídio, promovidos pelo Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, construir uma pedagogia da reparação cultural da resistência sertaneja, em momentos decisivos dessa relação de forças. E, especificamente construir e instalar um acervo bibliográfico, pictórico, audiovisual, oral, entre outros registros semiológicos, que tematizam a guerra de Canudos e seus efeitos na cultura brasileira e mundial; articular uma rede de equipamentos de memórias da guerra de Canudos entre as principais cidades-palco dos conflitos, locais e nacionais, visando intercambiar documentos, promover acessos a pesquisa, estudos, debates sobre a condição dos sertanejos e povo empobrecido pelas elites do atraso; por fim, promover uma série de feiras literárias, culturais, fóruns de debates sobre esses acervos e sua simbologia, visando estabelecer novas condições para os jogos de esclarecimento, as emergências de novos sujeitos políticos, as construções de novas subjetividades críticas e libertárias.



A estratégia metodológica está pensada em três vertentes interdependentes e complementares: a primeira estratégia aponta para construir e instalar um acervo bibliográfico, pictórico, audiovisual, oral, entre outros registros semiológicos, que tematizam a guerra de Canudos e seus efeitos na cultura brasileira e mundial – constituição de equipes no Campus Avançado de Canudos, através dos cursos de graduação e pós-graduação instalados e a serem instalados, para a busca fontes e acervos junto às secretarias de educação municipais e estaduais na Bahia e no Brasil, sobre o tema guerra de Canudos e seus desdobramentos, sobretudo, a partir da política educacional do Estado da Bahia e seus projetos estruturantes, tais como AVE, TAL, FACE, PROVE, ENCANTE, FESTE, entre outros, criando dispositivos de aquisição, tratamento e disponibilização desse acervo no Campus Avançado de Canudos; construção de equipes no Campus Avançado de Canudos, através dos cursos de graduação e pós-graduação instalados e a serem instalados, para a busca de fontes e acervos junto a jornais e bibliotecas públicas nacionais e internacionais sobre o tema guerra de Canudos e seus desdobramentos, sobretudo, a partir da política cultural brasileira, instalados durante governos progressistas de 2003 a 2016.

A segunda estratégia aponta para articular uma rede de equipamentos de memórias da guerra de Canudos entre as principais cidades-palcos dos conflitos, locais e nacionais, visando intercambiar documentos, promover acessos a pesquisa, estudos, debates sobre a condição dos sertanejos e povo empobrecido no Brasil pelas elites do atraso, amparada na construção de equipes de pesquisa para o mapeamento dos equipamentos culturais, públicos e privados, existentes na cidade de Canudos e cidades-palcos dos conflitos, a exemplo de Juazeiro, Uauá, Monte Santo, Euclides da Cunha, bem como nas cidades que aparecem, de forma direta ou indireta, nas principais narrativas da guerra de Canudos, a exemplo de *Os Sertões*, *Cartografia de Canudos*, entre outras, visando à constituição de redes de trabalho epistemológicas sobre o direito à Memória e seu debate público.

A terceira estratégia indica promover uma série de feiras literárias, culturais, fóruns de debates sobre esses acervos e sua simbologia, visando estabelecer novas condições para os jogos de esclarecimento, as emergências de novos sujeitos políticos, as construções de novas subjetividades críticas e libertárias.

## VI. Esboço de uma sùmula metodolùgica

Entre o fetichismo da memùria da Guerra e seu apagamento sistemático (SANTOS, 2015), a exposiçã e instalaçã múltipla dos seus signos e circuitos de leitura e de interpretaçã na esfera pùblica local, regional, nacional, internacional.

Entre o narcisismo e poder dos arcontes e detentores de arquivos sobre a guerra de Canudos e a construçã sistemática dos desmemoriados sobre o assunto, a multiplicaçã das formas de pesquisar as fontes e tratá-las, envolvendo redes de pesquisa acionadas pelo Campus Avançado de Canudos e seus projetos da graduaçã à pós-graduaçã, estimulando, assim, a emergênci de novos sujeitos portadores de memùria da guerra de Canudos e suas implicações no debate atual e construçã de futuros.

Entre o sentido agrícola-desenvolvimento local sustentável do açude de Cocorobó e o de apagamento do genocídio imposto pelo Estado brasileiro, fazer emergir a noçã de museu líquido (SANTOS, II Congresso Brasil in Teias Culturais, 2021, Conferênci de encerramento) como projeto de instalaçã de estruturas em torno de todo o açude, para o trabalho da memùria por parte de estudantes, pesquisadores, turistas e sociedades despojadas do direito à Memùria por parte da modernidade ocidental e sua cultura da barbárie. Uma referênci internacional, a exemplo de museus como o do Apartheid, na África do Sul; o Museu Auschwitz, na Alemanha; a casa dos escravos, no Senegal, entre outros.

## VII. O que esperar?

Com os olhos voltados para os impactos sofridos em sua primeira viagem a Canudos há 30 anos e suas inserções nos processos de preservaçã de Memùria e reparo da barbárie cometida pelo Estado brasileiro aos sonhos de Antônio Conselheiro, crê, ao final das problematizações, na possibilidade de consolidaçã dos equipamentos de memùrias já instalados em Canudos, com a criaçã de uma biblioteca, museu virtual, cidade cenográfica e outros articulados aos equipamentos existentes: Memorial Antônio Conselheiro, Museu

João de Régis, Parque Estadual de Canudos, Núcleos de Robótica e Audiovisual, integrando-os à temática Canudos e sua repercussão regional, nacional e internacional, bem como a criação de dispositivos teóricos e pedagógicos para se dramatizar a memória de guerra de Canudos como uma condição para a reparação do Estado brasileiro em relação a seus crimes, ainda hoje soterrados por sua política de desigualdades e exclusão perpetrada pelo capital e suas elites criminosas e genocidas.

Vislumbra, também, com intensa concretude, a formação de um novo espírito científico para o trabalho epistemológico, estético-político e pedagógico acerca da guerra de Canudos e a luta campesina e sertaneja no Nordeste e na periferia do capitalismo – exercício permanente e articulado em redes de memória, para o restabelecimento de um imaginário socialista e sua política simbólica orgânica e articulada por populações empobrecidas e suas esperanças por uma vida boa, sem miséria, tal como se praticou em Belo Monte, uma referência de resistência brasileira para a humanidade futura.

Fechando essas páginas e se aproximando do quase fim de uma viagem sempre recomeçada, o pesquisador anota em sua caderneta a tarefa necessária de que é preciso continuar escavando, escavando, escavando os arquivos; tomando a arqueologia como símbolo, no sentido de encontrar na profundidade longínqua o objeto que, se bem perguntado, pode falar, esclarecer, assim como no exercício penoso freudiano na busca da palavra, que, encontrada, pode curar as dores humanas.

Assim, e com esse espírito nômade e de aventura criadora, qualquer que seja o visitante, desde a pessoa anônima e comum, ao estudante, o professor, o pesquisador profissional, os ativistas da cultura e da organização estético-política, entre outros, brasileiros e estrangeiros, que se encontrar com uma foto, uma trincheira, um livro, os fragmentos-faianças, ossos e objetos, arranjos digitais, entre outros, que testemunham o massacre do povo de Canudos, há de encontrar nesses acervos, o signo de uma fortuna histórica, o bloco mágico para uma civilização revolucionária, à altura da comuna do Belo Monte. Eis aqui um banquete de signos para a leitura e o alimento da cabeça pesquisadora.

## Referências

- CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CALASANS, José Calasans B. da Silva. *Quase biografias de Canudos: O séquito de Antônio Conselheiro*. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1986.
- CALASANS, José Calasans B. da Silva. *Cartografia de Canudos*. 2. ed. Salvador: Assembleia Legislativa, 2015.
- COUTINHO, Isabel. O mundo editorial pela lupa do antropólogo. In: *Blog Ciberescritas*. Dezembro, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2MWbO3C>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões: Campanha de Canudos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1903.
- GAUDENZI, Tripoli F. B. *Memorial de Canudos*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 1996.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Duma-rá, 2001.
- FERRAZ, Renato José Marques, SANTOS NETO, Manoel Antônio dos, PINHEIRO, José Carlos Costa. *Cartilha Histórica de Canudos*. Salvador: Universidade do Estado da Bahia/UNEB, Canudos: Prefeitura Municipal, 1991.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo: Ática, 1974.
- HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma viagem a Canudos*. Bahia: Litho-Typographia Tourinho, 1899.
- LLOSA, Mario Vargas. *A Guerra do Fim do Mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- NEIVA, Luiz Paulo Almeida. *A intervenção do Estado no desenvolvimento local: o caso de Canudos: açude Cocorobó*. 2000. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) – Universidade Federal da Bahia, Cruz das Almas, 2000.

NEIVA, Luiz Paulo Almeida (Org.). *Canudos: Desenvolvimento e Emancipação*. Salvador: EDUNEB, 2013.

NEIVA, Luiz Paulo A. *Canudos uma nova batalha*. Salvador: EDUNEB, 2017.

PIEIDADE, Lélis. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia: 1897-1901*. 2. ed. Revisado por Antonio Olavo, Salvador: Portfolium, 2002.

RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In: *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SAMPAIO, Consuelo Novis. *Carta para o Barão*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

SANTOS, Osmar. *Arquivos, testemunhos e pobreza no Brasil*. Salvador: Eduneb, 2015.

SANTOS, Osmar. *A luta desarmada dos subalternos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

SANTOS, Osmar. *Um banquete antropofágico: violência originária e táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

SANTOS, Osmar. Açude de Cocorobó: por um museu líquido. Conferência de encerramento do II Congresso Internacional Brasil in Teias Culturais: epistemologias subalternizadas. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=iee2WQtRn48&list=PLzluw2pRSkGc9Tnv-gchKfb88n1anXme6&index=39>.

*Um banquete antropofágico: violência originária e táticas de negociação cultural emergentes no Brasil*. Campinas: Mercado de Letras, 2020.

TEIXEIRA, Evandro. *Canudos 100 anos*. Rio de Janeiro: Textual, 1997.

VARGAS, Suzana. O que se festeja nas festas literárias? In: *O Globo*, Livros, 4 de abril de 2015. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-que-se-festeja-nas-festasliterarias-15766932>. Acesso em: 16 ago. 2021.

VILLARINO PARDO, María del Carmen. As feiras internacionais do livro como espaço de diplomacia cultural. *In: Revista de Literatura Brasileira/A Journal of Brazilian Literature*. Edição Especial: A internacionalização da literatura brasileira. Brasil, Porto Alegre, 2014, v. 27, n. 50, p. 134-154. Disponível em: [http://researchgate.net/publication/278300385\\_As\\_feiras\\_internacionais\\_do\\_livro\\_como\\_espaco\\_de\\_diplomacia\\_cultural](http://researchgate.net/publication/278300385_As_feiras_internacionais_do_livro_como_espaco_de_diplomacia_cultural). Acesso em 16 ago. 2021.

**Recebido em 20 de novembro de 2022.**

**Aceito em 15 de dezembro de 2022.**